

Marcas de água

- «1. Águas, sois vós quem nos traz a força vital. Ajudai-nos a encontrar alimento para que possamos alcançar grandes alegrias.
2. Deixai-nos partilhar da seiva mais deliciosa que possuas, como se fôsseis mães dedicadas.
3. Deixai-nos ir ao encontro da casa daquele por quem vós águas nos dão vida e nos dão à luz.
4. Para nosso bem-estar deixai a deusa vir em nosso auxílio, que as águas cá estejam para que as bebamos. Deixai-as gerar bem-estar e saúde que possam fluir sobre nós.
5. Senhoras de todas as coisas que são escolhidas, regentes sobre todos os povos, é às águas que imploro uma cura.(...)»

*«As Águas da Vida» Rig Veda, c. 1200 a.c.
Tradução Manuel João Magalhães, in Rosa do Mundo
– 2001 poemas para o futuro,
Assírio & Alvim, 2001.*

Um olhar retrospectivo sobre a produção artística recente de Cristina Ataíde verificará pelo menos um elemento de continuidade: independentemente dos meios utilizados – do desenho à instalação, passando pela escultura e pela fotografia – as suas obras têm prosseguido uma aproximação ao mundo que incorpora e deslocaliza imagens de vida para as devolver fora das classificações em que costumamos distingui-las. Neste processo, o corpo e tudo o resto que não é corpo próprio tende a diluir-se, a assimilar-se mutuamente, num movimento simultâneo em que o mito de um eu interior e secreto, por oposição a um todo exterior e visível, deixam de fazer sentido.

O que a artista tem privilegiado é uma circulação dos olhares, dos conceitos, das definições, numa experiência que se vai alargando em novas viagens e que encontra na prática artística um território suficientemente fluido para se realizar toda a espécie de cruzamentos.

Neste contexto, os desenhos e as fotografias que apresenta na exposição «Durante o Rio» são o resultado de uma experiência muito particular: uma viagem à Índia, à cidade de Varanasi.

Banhada, pelo rio Ganges, a cidade é o maior centro de peregrinação da Índia com importância espiritual para hindus, cristãos e muçulmanos. No epicentro desta confluência encontramos o rio que conhece um significado específico em cada uma das confissões religiosas que para ele convergem. No quadro simbólico do hinduísmo, a religião dominante, o rio Ganges é o leito purificador onde os crentes se banham. A entidade que dissolve a impureza e que devolve um começo, que redime e limpa. É como uma permanente fábrica de inícios, para usarmos um termo que a nossa cultura possa incorporar.

Como artista oriunda da cultura ocidental, a relação que Cristina Ataíde estabelece com o Ganges é necessariamente diferente da que se desenvolve entre um crente de uma religião organizada e um objecto de adoração. Isso não significa que seja isenta de fascínio.

Talvez seja interessante pensar essa atracção à luz do contexto histórico ocidental e da relação que este estabeleceu com a natureza. É pelo menos paradoxal que, deste lado do planeta, a primeira revolução industrial tenha coincidido temporalmente com o romantismo. Ou seja, que o momento histórico em que se iniciou a mais sistemática agressão à natureza seja também aquele em que esta exerceu um renovado encanto entre escritores e artistas, como é, por exemplo, verificável no Werther de Goethe ou na pintura de Friedrich. O fascínio e toda uma plêiade de projecções psicológicas e culturais de que falamos germinam pois num contexto de perda. A própria diversidade de sentimentos perante o mundo natural e as discussões a ela associadas nos dão conta de que este encantamento é, ao fim e ao cabo, o rosto de uma distância. Mas talvez nunca tenhamos tido uma tão aguda consciência de quanto a preservação da natureza está intimamente ligada à continuidade do género humano como nas últimas décadas. Também a arte se aproximou da natureza como o mostram tantas manifestações que – da Land Art à arte ecológica - misturam o propósito estético com um programa ecológico. Ainda que por vezes contaminada pelo mecanismo cultural do exotismo, a atracção pelo Oriente (ou os diversos orientes) foi, nos últimos dois séculos, também um horizonte mítico para uma reconciliação cultural com a natureza.

A relação espiritual que Cristina Ataíde estabelece com o Ganges acontece pois, no seio de múltiplas intercepções - entre a sua proveniência cultural, o embate com a cultura oriental e o apelo da própria geografia – e é nesse contexto que ela se descobre como uma forma muito particular de peregrinação.

Que arte resulta então dessa disponibilidade? Atentemos no título dos trabalhos que se apresentam já que este nos fornece os contornos gerais da atitude que os gerou. Estes trabalhos foram literalmente realizados no rio, com o rio, Durante o rio. Supõem, desde logo, uma experiência no tempo, com os ritmos locais, mas também uma experiência com a matéria. A água, o elemento líquido, vem assumindo, nos últimos anos, um papel preponderante nas obras de Cristina Ataíde. Em (Im)Permanências (Galeria Luís Serpa Projectos, 2003), mostrava-se uma instalação em que um barco centralizava várias fotografias onde a água surgia como o elemento dominante, permitindo múltiplos e ágeis jogos de sombras ao mesmo tempo que era um poroso sorvedor

de reflexos e projecções. Mais recentemente, já este ano, na exposição Depois tb Crescem (Pavilhão Branco do Museu da Cidade, Lisboa), a água era o elemento invisível que animava periodicamente uma instalação feita de ramos de árvores vivas.

A água vai assim ganhando espaço como o duplo metafórico, a imagem possível de uma prática que supõe fluidez, desvanecimento e reflexo. Durante o rio, prolonga essa presença, colocando-a no seu centro temático ao mesmo tempo que faz dela o seu campo operativo.

Sob a presença transversal da água, existem dois movimentos implícitos na apresentação conjunta destes trabalhos. Um tem que ver com a especificidade dos suportes. O segundo, com aquilo a que podíamos chamar um efeito de devolução.

No primeiro caso, assistimos a uma utilização do desenho para além das suas condições tradicionais. Desenhos são tanto os trabalhos sobre papel realizados na própria humidade do rio como as fotografias que documentam o espalhamento de pigmento vermelho directamente na paisagem, ou as outras que nela descobrem ordenações discretas. A ideia de desenho é aqui reenviada para a sua definição mais lata, para o acto de inscrever um determinado conteúdo sobre uma superfície. Os trabalhos sobre papel que Cristina realizou num pequeno barco no leito do Ganges surgem da própria imersão do papel na água e da aplicação do pigmento vermelho conhecido na Índia por Bindi. A generosa colaboração da natureza deixou nesses papéis formas que lembram estruturas geológicas, pequenas estalactites, ou cortes de sedimentações na paisagem. São marcas ilusórias, na medida que nem a sua proveniência, nem a sua escala têm uma relação directa com aquilo que as formas inscritas aparentam. As semelhanças resultam, em vez disso, numa espécie de mínimo denominador comum da matéria. A matéria parece sempre matéria sejam quais forem as suas combinações possíveis e, por isso, as suas imagens podem reenviar para outras imagens da natureza. Do mesmo modo que muitos animais conhecem a possibilidade do disfarce para sobreviverem aos seus predadores, a natureza parece ter a capacidade de se imitar a si própria. O que Cristina Ataíde fez foi justapor a essa matéria que se reinventa automaticamente, a cor viva do bindi como se, nesse momento transitório, se desse um novo reencontro simbólico entre o Gan-

ges e a humanidade que tão abundantemente a ele acorre. Nos trabalhos que se apresentam sob suporte fotográfico é ainda de desenho que devemos falar. Do mesmo modo que os artistas ligados ao movimento da land art deixavam inscrita na paisagem uma experiência física ou uma forma artificial que a natureza incorporava para fazer desaparecer depois, também Cristina Ataíde inscreve no tempo efêmero do pigmento uma passagem. A fotografia é o que sobra dessa experiência que é depois engolida pela passagem das ondas sobre a areia. É assim que - entre a noção de erosão a que a natureza sujeita tudo no seu movimento renovador, e o desejo de uma memória, um estive aqui - o desenho que a fotografia conservou assume assim uma condição fantasmática e ritual.

Um segundo ponto prende-se com o duplo movimento que se desenrola nestes trabalhos. Tratar-se-á de uma troca, de uma simetria de acções entre as manifestações da natureza e uma resposta possível da arte. Se os desenhos da série «Durante o rio» supõem uma acção não controlada das águas, cujos limos desenharam sobre o papel, nas fotografias é a artista que age sobre a paisagem, desenhando, modificando, ainda que brevemente, o seu rumo e o seu aspecto. Ao contrário de Platão que via na arte uma função meramente mimética das formas da natureza, Aristóteles, dizia que a arte devia, sobretudo, alimentar-se da sua energia criadora natural de modo a completar o que aquela não havia terminado. Suspeito que, directa ou indirectamente, Cristina Ataíde foi contaminada por esta meditação. Para o que a sua arte importa, a natureza é sobretudo um modelo de vitalidade. Manter um elo com ela, é observar não apenas um enorme manancial de formas disponíveis, mas, mais importante que isso, estabelecer empatia com os seus ritmos e com os seus ciclos de vida.

Esta constatação adensa-se na série de fotografias mais pequenas onde o desenho é já quase exclusivamente um trabalho do olhar. Um fundo de mar intercepta um muro manchado de novo pelo pigmento vermelho. O verde salpica-se de brilhos. A fotografia perde o ponto de fuga para ser um lugar de convergência de cores, uma síntese quase abstracta que absorve como rumor a profusão de cores que o ambiente oferece.

Vimos aqui três abordagens de um lugar estranho, três métodos que foram sendo encontrados como respostas possíveis a esse estranhamento, também ditadas pelos estímulos enfrentados. É este direito de resposta que a arte de Cristina Ataíde reivindica e nele vai todo o seu programa artístico: assumir o encontro de uma condição prévia com um contexto que lhe desnorteia os adquiridos e impõe a troca. Nessa deriva, o resultado encontra-se sempre a meio caminho. O resultado é o próprio caminho.

Lisboa, 8 de Maio de 2005

Celso Martins